Capítulo XVIII — Nova continuação do precedente

> **Sumário.** A dama de Bazas. — Vai à Palestina. — Recolhe o sangue de são João Batista. — Leva-o a Bazas. — História desse precioso sangue. — Os amigos do Salvador. — Herodes exilado em Lyon. — Pilatos em Viena.

Que relações numerosas dos grandes acontecimentos da Judeia tenham sido, nessa época, espalhadas pelas Gálias, o fato seguinte, curiosíssimo e muito pouco conhecido, é a prova autêntica. Encontramo-lo em Gregório de Tours, cuja autoridade faz fé entre os críticos modernos. O historiador o refere não, como lhe acontece assaz amiúde, como um dizem, um *fertur*, um *ferunt*, mas como coisa de notoriedade pública. Tem razão. Eis o fato.

Informada do que se passava na Palestina, ou pelos soldados de Herodes, ou pelas conversas de Arquelau, ou pelo relato dos viajantes, ou pelo rumor público, uma dama gaulesa desejou ver as coisas com os próprios olhos e partiu para o Oriente. Era natural de Bazas, a antiga Vasates dos Romanos, a doze léguas de Bordéus.

Chegada à Judeia por volta do mês de maio do ano 30 de Nosso Senhor, a primeira notícia que soube foi a prisão de são João Batista.

Como queria vê-lo a todo custo, foi ao castelo de Maqueronte, situado nos confins da Judeia e da Arábia, no qual Herodes mandara encerrar o santo precursor. Achava-se nesse castelo ou nas imediações, pelo fim de agosto, quando Herodes ali veio com toda a sua corte celebrar o aniversário de seu nascimento.

Sabe-se o que aconteceu durante o banquete de 29 de agosto. Sabendo que iam decapitar aquele que a Judeia tomara pelo próprio Messias, apresenta-se ao lictor encarregado da execução. Fazendo então o que tantas heroicas cristãs fizeram tantas vezes e o que ainda fazem, despoja-se de suas joias e as dá ao carrasco, com a condição de que ele lhe dê em troca uma parte do sangue do mártir. A condição é aceita. Num pequeno vaso de prata que ela lhe apresenta, o lictor recebe uma parte do sangue precioso, que a piedosa dama leva a Bazas. Pouco depois, a nobre matrona manda construir ali uma igreja em honra de são João Batista e coloca no altar o vaso com o seu sangue.[1]

A peregrinação dessa dama gaulesa e seu ato de corajosa piedade são tanto mais certos quanto se ligam a todo um conjunto de fatos tirados da natureza ou consignados na história. Que há de mais

natural que um personagem extraordinário fixar a atenção pública e despertar o desejo de vê-lo? Se esse personagem é um taumaturgo, que há de mais natural ainda que seus milagres atraiam a ele todos os que precisam de cura? Não sabemos que multidões de doentes acorriam de todas as partes do mundo ao divino médico, pois dele saía uma virtude que curava todas as enfermidades? Como vimos, Gentios, que se crê terem vindo do fundo das Espanhas, não pediam ao apóstolo são Filipe o insigne favor de ver Nosso Senhor, o divino taumaturgo?

Quanto ao desejo de ter sangue de mártires, o mais precioso depois do que correu no Calvário, a história o atesta universal e imperecível. As catacumbas de Roma são disso um testemunho autêntico. Milhares de vezes se viram, no Oriente como no Ocidente, heroicas cristãs esgueirar-se sob os cadafalsos ou nos anfiteatros, recolher esse sangue redentor, comprá-lo às vezes a peso de ouro e, para obtê-lo, expor a liberdade e a vida. O mesmo fato se reproduz ainda no Tonquim, na Cochinchina e por toda parte, no suplício de nossos mártires modernos.

Para constatar cada vez mais a gloriosa ação da dama de Bazas, que se liga tão diretamente à evangelização primitiva das Gálias, dirigimo-nos ao venerável pároco dessa cidade. Os interessantes pormenores que se dignou fornecer-nos estão consignados em *L'Aquitaine*, revista religiosa de Bordéus.[2]

Citamos:

> *Desde a mais remota antiguidade, Bazas foi a cidade de são João Batista. São João era tudo na cidade episcopal e na cidade municipal. Sua decapitação, sua cabeça no prato de Herodíades, ornam o escudo da cidade, a bandeira da comuna e o brasão do cabido. O sangue de são João Batista foi o tesouro de Bazas.*

> *Ainda hoje, todos os anos, a 24 de junho, veem-se acorrer as populações cristãs dos arredores à antiga catedral; com uma vela na mão, cada fiel assiste à missa; depois, com fidelidade hereditária, dá nove vezes a volta ao coro de São João; é o que se chama as nove voltas do sangue de são João; assim há séculos.*

> *Venerado com um amor igual à sua fé pelos primeiros cristãos da antiga cidade, esse penhor precioso foi guardado com cuidado no altar de São João, nos dias de paz. Vinha a tormenta da perseguição a ribombar; ameaçavam as vagas da barbárie levar tudo? Logo os bispos, os sacerdotes e os fiéis apressavam-se a esconder em lugar seguro a santa relíquia.*

> *Assim foi ela subtraída, uma após outra, às violências das perseguições pagãs, à mão sacrílega dos Vândalos, dos Godos, dos Vascões e dos Normandos. Reconhecida juridicamente pelo papa Urbano II, na volta do concílio de Clermont, foi colocada no altar da nova catedral, construída em 1233 por Armando de Pins, bispo de Bazas. Por essa ocasião foi estabelecida a festa da trasladação do sangue de são João, que ainda se celebra em Bazas a 13 de julho.*

> *Como a verdadeira cruz foi arrebatada de Jerusalém pelos Persas e trazida intacta pelo imperador Heráclio, o vaso do sangue de são João foi arrebatado pelos calvinistas em 1562, depois resgatado dos sectários ao preço de dez mil escudos.*

> *Depois de atravessar tantas tormentas e receber as homenagens de tantos séculos, o inestimável tesouro devia perecer sem volta no fim do século passado. Em 1792, o administrador revolucionário da diocese de Bazas escrevia e assinava à margem do próprio manuscrito do século XII, que continha toda a história da venerável relíquia: "Eu mesmo joguei essa relíquia num esgoto de minha casa."*

Assim, desde os primeiros dias da vida pública de Nosso Senhor, e mesmo antes, as Gálias conheciam os grandes acontecimentos que se realizavam na Judeia; esse conhecimento ia tornar-se uma verdadeira pregação evangélica. No ano 35 de nossa era, isto é, dois anos apenas depois da morte do Salvador, aportavam às costas da Provença os seus mais íntimos amigos. Recuaria cem anos aquele que, em nossos dias, ousasse revogar em dúvida o apostolado de Lázaro, de Marta, de Madalena e de seus companheiros, em Marselha e no sul da França.

Enviar imediatamente depois de sua morte os que mais amara durante a vida, para tirar-nos da barbárie pagã e fazer-se conhecer de nós: que predileção pela França da parte do Salvador do mundo! À lembrança dessa ternura excepcional, nossa pátria bem pode dizer: *«Não fez assim a nenhuma outra nação»*: *non fecit taliter omni nationi*.

Como para confirmar a missão de seus amigos, o divino Mestre ia fazer chegar às Gálias dois de seus maiores inimigos. Esses dois missionários de novo gênero são Herodes e Pilatos.

No ano 40 de Nosso Senhor, seis anos depois da Paixão, Herodes, o assassino de são João Batista e o insultador do Salvador Jesus, é privado de seus Estados e de todas as suas riquezas pelo imperador Calígula, depois enviado ao exílio na cidade de Lyon, com Herodíades e sua filha Salomé, a dançarina. Que impressão devem ter produzido, não só em Lyon, mas nas Gálias, a chegada desses odiosos personagens! A quantas perguntas e comentários deu lugar a sua

presença!

Como tudo o que se contava de seus crimes e de sua desgraça era de natureza a popularizar cada vez mais o conhecimento dos fatos evangélicos de que a Judeia era o teatro! Dizemos popularizar cada vez mais, pois havia cinco anos que os amigos do Salvador estavam na Provença, pregando o Evangelho e fazendo milagres, e a luz do cristianismo já iluminava boa parte das Gálias.

Herodes estava havia um ano em nossa pátria quando um novo personagem, ainda mais célebre, veio por sua presença anunciar o Evangelho. No ano 41 de Nosso Senhor, Pilatos foi chamado da Judeia, despojado de todas as suas dignidades, banido a perpetuidade e relegado às Gálias, na cidade de Viena, chamada então o *Carcer Romanorum*, a grande prisão dos Romanos, ou a prisão dos grandes culpados romanos. Ali permaneceu cerca de três anos e acabou por suicidar-se.[3]

Negar, ou apenas pôr em dúvida, que durante esse lapso de tempo Pilatos, entregue a si mesmo, tenha falado de Nosso Senhor seria mais que pueril. Como? Pilatos, que enviara a Tibério a relação detalhada da vida do personagem extraordinário de quem todos se ocupavam, cujos atos haviam lançado tão grande brilho sobre o seu governo e cuja morte associava o seu nome ao da augusta vítima: podia permanecer mudo sobre tão prodigiosos acontecimentos?

Os que dele se aproximavam não deviam estar ávidos de recolher de sua boca todos os pormenores sobre o que se passara, tanto mais que esses homens eram Gauleses, o povo do mundo, como nos disse César, mais apaixonado por notícias? Pilatos mesmo, quer para interessá-los, quer para justificar-se, não devia voltar frequentemente, em suas conversas, a um assunto de que estava cheio e que conhecera melhor que ninguém? Tudo isso é verdade, porque tudo isso está na natureza.

De tudo o que precede resulta que, por uma disposição particular da Providência, as Gálias tinham ouvido falar de Nosso Senhor desde os primeiros anos de sua vida e que, depois de sua morte, esse conhecimento ali estava largamente espalhado antes da chegada de são Pedro ao Ocidente para anunciar o Evangelho.

Notas

[1] *Joannes vero Baptista astu Herodis per Herodiadem uxorem fratris, in carcerem colligatur. Tunc temporis a Galliis matrona quaedam hierosolymis abierat, pro devotione tantum, ut Domini et Salvatoris nostri praesentiam mereretur. Audivit autem quod Beatus Joannes decollaretur: cursu illuc rapido tendit, datisque muneribus supplicat percussori, ut eum sanguinem defluentem colligere permitteret, non arctari. Illo autem percutiente, matrona concham argenteam praeparat, truncatoque martyris capite, cruorem devota suscepit : quem diligenter in ampulla positum patriam detulit, et apud Vasatensem Urbem, aedificata in ejus honore ecclesia, in sancto altari collocavit.* São Gregório de Tours, *Miraculorum libri*, liv. I, c. XII, p. 717, ed. Migne.

[2] N.º 99, 24 de junho de 1866, p. 749 e seguintes; e *Notre-Dame de Soulac*, pelo sr. Mazuret.

[3] Ao testemunho muito explícito de santo Adão, bispo de Viena, citado em nossa biografia de Pilatos, acrescentemos o de Eusébio: *Neque vero illud praetereundum est, Pilatum ipsum qui*

Servatorem nostrum morti addixit, postmodum, imperante Caio, in tantas incidisse calamitates, ut mortem sibi consciscceret suorumque ipse scelerum vindex esse coactus fuerit : divina scilicet justitia in illum, ut par erat, saeviente. Idque a Graecis scriptoribus proditum est, qui Olympiadum seriem et quae quibusque temporibus gesta sunt, conscripsere. Eusébio, *Hist. eccl.*, liv. III, c. VII, p. 155, ed. Migne.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:43 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin